



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## NARRATIVAS COMUNITÁRIAS (O CASO MALÊ)<sup>1</sup>

Prof. Dr. Mohammed Elhajji  
ECO-UFRJ  
mohahajji@yahoo.com.br

### RESUMO:

A partir da análise de um escrito malê, se pretende aqui, apreender a estrutura discursiva subjacente a todo projeto comunitário e desvelar a dimensão narrativa que ‘modela’ seu *ethos* e o inscreve no mito fundador responsável por seu enraizamento no passado e sua projeção para o futuro. Uma das teses defendidas por este trabalho é relativa à dupla virtualidade de todo projeto comunitário: de um lado, no sentido da precedência de sua potencialidade discursiva sobre sua manifestação material concreta e, por outro, precisamente no caso religioso, enquanto “*práxis*” e “*poiesis*” a-espaciais e atemporais instituídas numa fala original e uma narratividade primordial, eterna e onipresente.

### A MODELAGEM DISCURSIVA

A presente comunicação é fruto da tradução (do árabe para o português), análise e comentário de um livro de orações marabúlicas<sup>i</sup> corânicas (102 páginas de tamanho pequeno) encontrado pendurado sob forma de talismã no pescoço de um escravo africano rebelado e morto durante o levante malê<sup>ii</sup> ocorrido na Bahia em 1835. Nossa proposta, para este congresso, é tentar apreender, a partir deste caso histórico, a estrutura discursiva

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

subjacente a todo projeto comunitário e desvelar a dimensão narrativa que ‘modela’ seu *ethos*<sup>iii</sup> e o inscreve no mito fundador responsável por seu enraizamento no passado e sua projeção para o futuro (ainda que a problemática do Tempo, no contexto mítico-mitológico e religioso, é bastante complexa como o demonstramos mais adiante).

Uma das teses defendidas por este trabalho é relativa à dupla virtualidade de todo projeto comunitário: de um lado, no sentido da precedência de sua potencialidade discursiva sobre sua manifestação material concreta e, por outro, precisamente no caso religioso, enquanto “*práxis*” e “*poiesis*” a-espaciais e atemporais instituídas numa fala original e uma narratividade primordial, eterna e onipresente.

Com respeito ao Livro analisado, como foi conservado, se percebe que seu texto foi organizado de modo invertido, da esquerda à direita, ignorando o fato que o alfabeto árabe se escreve da direita à esquerda. A dificuldade inicial, portanto, foi de descobrir o sentido (no sentido material) da leitura, e somente após várias e repetidas leituras e tentativas de decifração que ficou claro que se tratava de trechos do Alcorão compilados sob a forma de uma narrativa reconstruída e reconfigurada; seguindo nisto uma longa tradição de orações islâmicas marabúlicas e sufis.

Mas, antes de abordar o aspecto semântico do texto, há de levantar algumas considerações em torno da grafia ou “*khat*” (linha; radical do mesmo termo que dá a palavra *alkhaiat* ou *alfaiate* em português, mas também *Khitab* ou discurso) usada no livro male. A decifração de qualquer documento escrito em árabe é, de fato, condicionada pelo conhecimento e a familiaridade com o “*khat*” nele usado. Como as variadas grafias do árabe têm um caráter formal regional (o *maghribi* – magrebino, por exemplo é bastante diferente do *kufi* ou as grafias usadas para codificar o urdu ou o parsi), não é fácil ler e decifrar documentos escritos em grafias às quais não se é acostumado.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O “*khat*” utilizado no livro é, justamente, o “*maghribi*” (pertencente ao Magrebe – parte ocidental do norte da África). De fato, como se sabe, esse “*khat*”, originário de Kayrawane (capital espiritual da Tunísia), foi introduzido na África ocidental e uma parte da África central pelos comerciantes e marabutos ou morábitos berberes. Até hoje, essa mesma grafia continua sendo usada em toda África ocidental, inclusive pelos haussá, iorubas islamizados e outros povos da região<sup>iv</sup>.

Por outro lado, há de salientar a boa qualidade da ortografia; o que denota um importante domínio da língua árabe e um nível de instrução dos autores (se trata provavelmente de mais de um) acima da média. Exceto alguns erros menores, que se pode atribuir a fatores materiais (iluminação, por exemplo) ou psicológicas (cansaço, distração, etc.), a qualidade da ortografia não deixa dúvida quanto ao contexto social e cultural (educativo) no qual o escrito foi elaborado.

Já o texto propriamente dito do “Livro Malê” é, quase na sua totalidade, uma recomposição temática variada a partir do texto do Alcorão. Trata-se, na verdade, de uma “refiguração” textual (no sentido dado a esse conceito por Paul Ricoeur<sup>v</sup>) do Livro Sagrado. Ou seja, são trechos escolhidos do Alcorão (em função de uma tradição temática-situacional islâmica marabútica e sufi) que, lidos na nova recomposição e nova ordenação, produzem uma narrativa atualizada que situa um fato social dado (no caso, o episódio histórico da presença malê no Brasil) numa perspectiva mítica – atual na qual a experiência política e social se torna um desdobramento atualizado / recontextualizado das estórias bíblicas, dos ensinamentos divinos e da própria idéia da *Umma*<sup>vi</sup> islâmica.

Em seu uso simbólico social, o “Livro...” pode ter uma função protetora de *Hijab* (talismã); já que esse tipo de utilização (refigurada) do texto corânico é um hábito místico comum na cultura islâmica, principalmente nas regiões de influência sufi – o que é o caso em toda África do Norte e Ocidental. Lembremos, neste rumo, que os Sufis atribuem um poder sobrenatural intrínseco à própria palavra corânica (principalmente declamada ou



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

recopiada), sem que seu sentido precise ser necessariamente compreendido literalmente. Porém, isso não exclui ou diminui o valor enunciativo de um projeto sociopolítico, inerente à prática discursiva contida no ato de recepção e retransmissão do texto corânico. Pelo contrário, a reprodução do texto corânico, fiel ou refigurada, é, não apenas um catalisador para a conformação do projeto político existente no estado ideal na revelação divina, mas antes, a sua própria emanção. Se, por exemplo, uma prece roga pela Justiça Divina é porque essa justiça se encontra indefinidamente inscrita nos desenhos divinos e, portanto, deve ser desejada e exortada.

### **A RE-VIVÊNCIA DOS TEMPOS CORÂNICOS**

Para entender essa importância do texto corânico no imaginário islâmico, talvez seja necessário lembrar que o profeta Maomé, ao contrário dos fundadores de outras religiões, não realizou nenhum milagre espetacular, a não ser, justamente, a recepção da revelação divina materializada no texto corânico. Com efeito, segundo o entendimento místico islâmico, o Alcorão é a fala eterna e *incriada* de Deus, não inspirada, mas sim transmitida literal e fielmente através do Arcanjo Gabriel. A revelação constitui, portanto, um marco divino que estabelece o ato de nascimento da *Umma*, uma comunidade indefectível, universal, atemporal e até espacial (na medida que ela pode ser, e é, transnacional e trans-histórica), cuja natureza é ao mesmo tempo política, jurídica, organizacional, espiritual e filosófica.

O alcorão representa, assim, tanto o princípio da História da nação islâmica (limitada inicialmente à península arábica) como seu próprio *telos*, seu quadro de medição auto-referente e um evento histórico significativo que ia reformular o devir de toda a Humanidade. De fato, vale observar que o aparecimento da nova comunidade correspondia, efetivamente, a uma re-configuração geo-estratégica crucial, marcada pelo declínio das potências de então (os impérios persa e romano principalmente), a transformação de todo o mapa político e militar mundial e o esboço de uma nova realidade internacional (no sentido das relações entre nações) cujos desdobramentos são visíveis até hoje.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Não se trata de retrair, aqui, a epopéia política ou militar da *Umma* islâmica, mas cremos que não se deve ignorar a importância do componente histórico factual na construção de um projeto social universal (ainda que através de um discurso mítico) que, como se pode constatar nos dias de hoje no Oriente Médio, no episódio da Revolta dos Malês no Brasil, na história do movimento cívico norte-americano ou na dolorosa travessia dos povos africanos e asiáticos para a libertação do jugo do imperialismo europeu, serviu e continua servindo de catalisador revolucionário e libertário tanto subjetivo como tático-estratégico.

Porém, no âmbito de uma abordagem mais pontual relativa ao “livro malês”, subsídios de ordem discursiva-enunciativa do Alcorão seriam, certamente, de maior utilidade. Assim, há de destacar, primeiro, que o Alcorão, aquém de seu alcance místico-espiritual, representa uma experiência lingüística e filológica única. Revelado no dialeto da tribo de Maomé - o *quraichi* que não disponha então de regras gramáticas estruturadas e ainda menos escritas, o livro sagrado se tornará o referencial lingüístico supremo de centenas de milhões de pessoas no mundo e o quadro de pensamento e de organização tanto escatológica como social do sexto da população humana, propulsando assim um falar local submerso num mar de vernáculos regionais, ao ranking das línguas mais complexas e mais ricas do mundo.

A originalidade desse fenômeno reside no fato do Alcorão acabar constituindo a base gramatical e lingüística do quadro de representação simbólica que, justamente, o gerou; ou seja, o fruto acabou conformando a estrutura da própria árvore que o produziu. Logo depois de ter sido con- (ou re) cebido no vernáculo árabe / *quraichi* (ainda sem regras estabelecidas), ele se tornou o parâmetro canônico reflexivo que determina a validade deste mesmo código simbólico. O que quer dizer que enquanto produto da visão do mundo espelhada no árabe, ele se impôs como quadro mediador pelo qual essa própria estrutura imaginária e simbólica se relaciona doravante com o mundo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Antropologicamente, isto explica a grande dificuldade de diferenciar o que é especificamente islâmico do que é propriamente árabe e legitima o caráter sagrado da língua árabe; como se aprendeu no “*Islam Observed*” de Geertz<sup>vii</sup>. Já ao nível enunciativo discursivo, a consagração de regras lingüísticas eternas coroadas por uma aura divina (constitutivas da sua fala incriada) permite à narrativa corânica de adquirir uma dimensão universal e atemporal, sustentada por um fundo semântico livre de qualquer limitação contextual e imune às variações históricas, sociais e políticas que, ordinariamente, determinam o devir e a evolução das línguas naturais.

Um outro fator que foi decisivo no processo de universalização da mensagem corânica e sua “a-temporalização” diz respeito ao modo pelo qual o texto revelado foi compilado e organizado. As 114 *Surates*, ou capítulos que compõem o Alcorão (subdivididas por sua vez de *ayat* – versículos) foram classificadas simplesmente de acordo com a sua ordem de comprimento decrescente sem se deter ao seu princípio unificador temático ou a sua seqüência cronológica. Todavia, este método ordenador usual na época no mundo semítico, se revelou em seguida uma infalível estratégia discursiva de perenização dos ensinamentos corânicos. Na medida que a “descontextualização” do texto sagrado - o fato de o sentido das *surates* não ser mais diretamente ligado ao contexto social, políticos ou até natural do momento de sua revelação - permite a sua reinterpretação *ad infinitum* em função do quadro histórico da sua leitura e as condições sociais e culturais de seu receptor; no mais perfeito modelo espiral da “*semiose infinita*”.

As histórias e os personagens bíblicos retomados no Alcorão, por exemplo, se desfizeram totalmente de sua ancoragem seqüencial histórica factual, para adquirir uma sincronicidade absoluta que os torna contemporâneos (do tempo mítico), conterrâneos e naturais do mesmo mundo divino imutável e onipresente. Nessa lógica mítica atemporal, não há passado nem historicidade hegeliana, mas apenas a mesma cena original que se



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

repete infinitamente em roupagens sempre atualizadas para comprovar a vontade de Deus e provar a fé de seus servos.

Profetas, reis, anjos, cidades e batalhas não são fatos passados ou protagonistas de episódios históricos acabados, mas sim uma “*I’ibra*” (ideal ou exemplo) a ser meditada pelos crentes, sem que isso ponha em questão a veracidade de sua existência; já que a própria existência “real” que experimentamos não passa de um reflexo da essência ontológica contida nos desenhos divinos e acessíveis apenas através de sua fala *incriada*. Pelo contrário, Babilônia é aqui, Faraós (palavra que em árabe é, sintomaticamente, um adjetivo) e Imperadores romanos são os poderosos de hoje e de sempre – a ordem escravocrata brasileira, os impérios coloniais ou, quiçá, até a atual ditadura neoliberal!..

Esta abordagem específica do Tempo é fundamental para a compreensão da natureza complexa da enunciação corânica e de sua refiguração malê. Apesar do tempo mundano ser orientado entre a criação e o fim do mundo, os elementos lingüísticos gramaticais como os advérbios temporais ou espaciais usados revestem significados múltiplos, muitas vezes, escatológicos que só tornam o texto mais imune ainda a toda tentativa cronológica diacrônica reducionista.

É esse destacamento do texto corânico, a libertação de suas condições iniciais de produção que ia permitir, justamente, seu uso místico popular abstrato comum nos países muçulmanos como talismã ou amuleto, ou ainda como modelo político e social a ser seguido ou meditado em todas as épocas e todas as circunstanciais que a *Umma* pode atravessar. Resistência política, injustiça social, lutas pela independência, epidemias ou catástrofes naturais são “re-vivências” do tempo corânico onipresente e eterno (até o dia do Juízo Final).

Assim, o “livro malê” pode ser entendido simultaneamente como *Hijab* (Talismã) individual ou como projeto social e político coletivo para a fundação de uma comunidade

islâmica no novo mundo, enfatizada na implantação de uma semente (descendência) abençoada no solo hospedeiro; tornando-o assim a Terra Prometida. Os Malês seriam, nessa lógica, os novos Hebreus, missionários encarregados da instauração do Reino de Deus na Terra, enquanto o poder colonial seria uma reencarnação da opressão faraônica; já que a ação verdadeira não estaria acontecendo aqui e agora (conceitos sem sentido no discurso mítico), mas sim se “refigurando” a partir da cena original da provação e da comprovação.

### **AS ESFERAS DE SIGNIFICAÇÃO DE UMA LÍNGUA SAGRADA**

Numa tentativa de apreciação geral desses mecanismos discursivos enunciativos próprios ao texto corânico, indispensável para a interpretação adequada do “livro malê”, sugerimos o exame das consagradas teses de Mohammed Arkoun (contidas na tradução francesa do Alcorão por Garnier Kasimirski<sup>viii</sup>). Partindo de princípios semiológicos hjelmslevianos, M. Arkoun propõe a adoção de uma perspectiva “especificante” do Alcorão, que não se limita a fatos lingüísticos isolados, mas considera o texto sagrado na sua totalidade enquanto sistema de relações internas, na medida que a significância é produto dessas relações e não de unidades artificialmente isoladas.

Uma abordagem semelhante já tinha sido proposta pelo islamólogo japonês Toshihiko Izutsu no seu estudo dos conceitos-chave que dizem respeito a Deus e ao Homem no Alcorão para conceptualizar a visão de mundo relativa a esse discurso e estabelecer uma semântica específica ao Alcorão. Todavia, o projeto maior de M. Arkoun objetiva a elaboração de uma verdadeira tipologia da linguagem sagrada; partindo da premissa que o Alcorão constitui um universo coerente de signos, metáforas, mitos, metonímias e ritos apropriados e não apenas uma seqüência compósita de enunciados autônomos.

De fato, ao se basear numa leitura da totalidade das relações internas de sentido, esse tipo de estudo consegue transcender a dinâmica típica à língua árabe para alcançar a dimensão simbólica corânica inerente à filosofia e à estética que fundamentam a



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

consciência islâmica. Não há dúvida que a análise deve ser feita dentro de uma lógica lingüística árabe para poder ter uma perspectiva abrangente de todos os elementos constitutivos da rede de significantes que compõem a paisagem semântica e a ecologia cognitiva do Alcorão, como a poética, a acústica, a história da língua, etc... Mas se deve ficar atento, principalmente, ao fato que os conceitos corânicos buscam e desdobram seu significado dentro do próprio Alcorão, de tal maneira que a maioria das entidades lingüísticas do Alcorão não podem ter uma existência independente fora do universo simbólico do Livro sagrado e fora da rede de significados que estrutura a intertextualidade própria ao Alcorão<sup>ix</sup>.

É claro que qualquer termo presente no Alcorão pode ser interpretado a vários níveis, do lexicográfico ao filosófico, passando pelo ético, psicológico e tantos outros. Mas para poder ter acesso a seu significado profundo, é necessário, de certo modo, não “ler” o termo, mas sim percebê-lo na globalidade textual do Alcorão, “tudo o que essas palavras recebem da intenção significante global do texto e tudo o que elas trazem, em retorno” para orientar a dinâmica do discurso corânico (Cf. Arkoun).

Segundo essa lógica, para ter acesso ao sentido do Alcorão e à configuração semântica interna de seu discurso, é preciso renunciar a toda leitura linear que privilegia a aceção comum e a lógica predominantemente gramatical. Mesmo se as *surates* forem classificadas numa ordem temática (como é o caso no “Livro malê”), continua sendo indispensável superar o aspecto retórico formal para descobrir a sua estrutura interna; na medida que o discurso corânico é uma orquestração intertextual semântica e acústica de conceitos-chave cuja extensão cabe no próprio universo simbólico do Alcorão.

Numa semiótica da enunciação tradicional, se admite que “as relações, entre diferentes pontos da superfície textual, entre textos contíguos no mesmo espaço, ou entre textos presentes e ausentes, numa espécie de terceira dimensão, valem tanto ou mais no processo de produção de sentido do que a própria sucessão linear de signos estruturalmente



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

organizados” (Pinto, Milton, J. *As Marcas lingüísticas de enunciação*. P. 14<sup>x</sup>). Já com relação ao texto corânico, na sua forma original ou “refigurado” como é o caso do “Livro Malê”, essa relação é ela mesma de ordem simbólica mítica específica e inerente ao próprio discurso corânico.

Assim, na tentativa de desvelar a estrutura interna do Alcorão, M. Arkoun propõe uma leitura vertical do vocabulário corânico: o significado do discurso do Livro sagrado seria, segundo essa óptica, organizado num movimento ascendente / descendente através de quatro esferas de significação, coroadas pelo conceito supremo de Deus. As esferas em questão são as do Mistério, da Escatologia, dos Céus e da Terra, e vão do menos perceptível ao mais perceptível, do infinito ao finito, do perdurável ao perecível, seguindo a trajetória da Revelação que ordena o mundo em realidade oculta imperceptível e misteriosa (da qual o Além faz parte) e em realidade material composta, notadamente, de bens materiais ou maravilhas da Terra. Sendo que a idéia de “maravilhas da Terra”, todavia, não deve ser entendida num sentido marxista de produção e acumulação capitalista, mas sim enquanto dom divino alcançado pela ação justa voltada para os ensinamentos divinos.

O que significa que não é possível alcançar o significado “verdadeiro” do texto corânico sem dispor desse saber mítico-metalingüístico relativo ao discurso do Livro Sagrado, já que a palavra divina instaurou um modo de conhecimento característico do estar-no-mundo-criado distinto do estar-no-mundo-objetivo. Se para este segundo modo de conhecimento a percepção “objetiva” (sic!) pretende superar a dimensão imaginária de nossa vivência e fazer coincidir as realidades significantes com as realidades significadas, o discurso corânico, por sua parte, busca sua significância no quadro de representação simbólica que lhe é próprio, produto da língua árabe re-moldada na esfera mítica-religiosa que intermedeia a relação entre o Homem e o mundo. Língua e pensamento se desdobram, assim, solidariamente num universo de significação que se refere em última instância ao divino, através de associações remissivas movidas por palavras-símbolos relativas às quatro esferas anteriormente descritas, subordinadas à infinitude do conceito supremo –Deus.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## A LINGUAGEM DO MITO

Um outro aspecto essencial para a compreensão da lógica corânica contida no texto malê e constitutiva de seu projeto sociopolítico é a natureza mítica de seu discurso, enquanto expressão simbólica localizada de realidades originais universais<sup>xi</sup>. Se a passagem da linguagem concreta para a linguagem mítica equivale à transformação da palavra-signo em palavra-símbolo no processo de conformação da consciência humana, tal passagem significa no contexto da Revelação islâmica, a edificação de um ideal de totalidade, de perfeição e de infinitude cujo plano de projeção aponta para a comunidade original fundada na vontade de instaurar a ordem atemporal divina.

De fato, A consciência mítica não idealiza o devir humano em termos de progresso ou de historicidade unidirecional, nem de espacialidade quantificável e mensurável, já que tanto o ontológico como o fenomenológico são considerados como simples manifestações parciais do divino. Portanto, o objetivo da própria existência humana não é de comprovar as evidências, verdades e certezas divinas absolutas no modelo racional logocêntrico do “*cogito ergo sum*”, mas sim alcançar a consciência sensível global do ato divino; ela mesma expressa em termos míticos e místicos. Aliás, há de assinalar que a própria idéia de comprovação, no discurso mítico, não pressupõe dúvida ou possibilidade de erro, mas apenas um exercício místico para atingir a capacidade de percepção da verdade.

Assim, na lógica mítica subjacente ao texto corânico refigurado no “Livro Malê”, o episódio dos escravos africanos não deve ser considerado enquanto fato histórico situado num contexto econômico e político que tem um “antes” e um “depois”, mas sim como atualização atemporal de uma virtualidade pregnante existente desde sempre nos planos divinos. Este princípio vulgarizado no Ocidente sob o conceito do “Escrito” / “*Maktub*” e, muitas vezes, interpretado como uma consciência trágica fatalista, não exclui a resistência ou a luta; pelo contrário! Já que Deus é justo e magnânimo, não há espaço conceitual possível para a dúvida no triunfo final da Verdade sobre a falácia, o erro e a injustiça.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Portanto, é a recusa da luta e da resistência que deve ser atribuída à falta de fé e de certeza no poder divino e não a ação política ou militar.

Se a comunidade malê, enquanto desdobramento do ideal comunitário islâmico original (*Umma*), é inscrita na própria ordem do Divino, a sua concretização é um imperativo que o fiel, o crente, o salvo por Deus tem a obrigação moral, ética, política e até estética (da vida) de concretizar – ou melhor, se deixar nela emergir num tipo de epifania inversa que não busca a comprovação da veracidade da palavra divina, mas sim a capacidade do fiel nela se inscrever para merecer a impressão divina. Ou seja, não há dúvida que esta comunidade existe e sempre existiu; o que se tem de se comprovar é se os malês (ou todo outro projeto sociopolítico baseado no ideal comunitário islâmico) são o marco verdadeiro da conjunção certa que ia deixar transparecer a vontade divina.

A própria linguagem mítica é uma linguagem da certeza absoluta onde não cabe a dúvida nem são precisos métodos demonstrativos, dedutivos, indutivos ou outros. A certeza mítica que sustenta a narrativa corânica é reforçada mais ainda pela predominância da proposição nominal característica da língua árabe, e pela tradição comunitária da organização social islâmica; sendo o Alcorão destinado não a ser lido individual e silenciosamente (ainda que pode o ser e o é), mas sim declamado coletivamente. Uma outra propriedade da linguagem mítica no Alcorão é a sua riqueza simbólica que a predestina a todo tipo de reformulação e reinterpretação atualizada e re-contextualizada. Mesmo quando se confronta a versículos descritivos da paisagem corânica (o paraíso, dos céus ou da *geena*), esses relatos devem ser interpretados num sentido simbólico imaginário cuja finalidade, igualmente às histórias bíblicas, é a “*T’ibra*” a meditar, refletir e legitimar a esperança na condição humana e na justiça final.

Assim, o campo de ação desse simbolismo corânico pode ser dividido em quatro eixos (que são amplamente observados no “Livro Malê” e podem servir de base numa eventual análise mais detalhada): o simbolismo da consciência do proibido, o simbolismo



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

do horizonte escatológico, o simbolismo da comunidade e o simbolismo da vida e da morte. As articulações enunciativas e discursivas, apoiadas na força poética e sugestiva da língua árabe, desse simbolismo mítico instauram uma visão operacional perfeitamente adaptada à necessidade humana de acreditar na sua Salvação prometida, delimitando assim as possibilidades existenciais e ontológicas do Homem. Ao povoar o imaginário muçulmano de representações simbólicas e míticas, ela acaba elaborando mecanismos mentais cognitivos de resistência às veleidades invasivas da razão instrumental e do objetivismo materialista, fazendo triunfar a visão imaginativa e trans-histórica sobre a metafísica racionalista positivista.

Finalmente, destaquemos alguns efeitos de caracterização intrínsecos ao Alcorão, principalmente as enigmáticas letras isoladas do alfabeto árabe que iniciam certos versículos (“*sin*”, “*ya*”, “*alef*”, “*kaf*”, “*lam*” e “*mim*”). Expressões não idiomáticas, consideradas como um mistério semântico e lingüístico na exegese islâmica e que constituem um campo infinito de interpretações místicas reservadas aos estudos esotéricos.

### **UMA COMUNIDADE COMPLEXA**

Além das propriedades já analisadas do texto corânico, não podemos deixar de salientar as peculiaridades do modo de enunciação específico ao Livro Sagrado e que acabam possibilitando as suas múltiplas refigurações temáticas situacionais adaptáveis a vontade aos mais diversos contextos de adversidade humana. Trata-se de sua complexidade e sua indeterminação enunciativa que o situam fora de qualquer regra semiótica tradicional, reforçam a sua estrutura mítica e enriquecem suas dimensões universal e atemporal. Categorias discursivas habituais como a progressão narrativa, a unidade textual ou a determinação do sujeito empírico, por exemplo, são simplesmente desconsideradas, enquanto formulações inusitadas são erguidas em regra discursiva típica ao Alcorão.

A natureza complexa da narrativa corânica pode ser observada a vários níveis da construção lingüística do Alcorão. O primeiro diz respeito a sua heterogeneidade



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

exacerbada que o situa numa esfera enunciativa entre o divino, o mundano, o mítico e o trans-histórico. Além de seu caráter descontextualizado, atemporalidade e universalidade devido a seu modo de classificação formal, o texto corânico é constituído de várias camadas narrativas onde o referencial bíblico (na sua forma primitiva então em circulação<sup>xii</sup> na península arábica) revisado se mistura com as novas propostas surgidas no contexto político contemporâneo à Revelação. Assim, todo o Alcorão é permeado por uma impressão difusa de “diálogo” entre sujeitos e personagens de várias épocas e variados contextos sociais, lingüisticamente integrados na forma impessoal nominal própria ao árabe (é possível se ter frases ou até parágrafos inteiros na forma nominal impessoal onde o sujeito empírico é difícil de situar).

O sujeito corânico, pois, é matéria de vários tratados de exegese islâmica e é marcado por uma forte polifonia e uma múltipla heterogeneidade enunciativa<sup>xiii</sup>. Nunca se sabe, claramente por exemplo, se o sujeito empírico é Deus, o Arcanjo Gabriel (que é identificado ao Espírito Santo na tradição islâmica), o conjunto dos profetas, o próprio Maomé ou uma instância misteriosa de difícil acesso para a limitada mente racional<sup>xiv</sup>. A complexidade é tão marcada que, muitas vezes, não se sabe nem quem é o sujeito empírico nem quem é o sujeito do enunciado; vários vozes se manifestam no mesmo versículo ou na mesma frase sem ordem aparente, que só um estudo lingüístico-teológico (ou talvez só a exaltação mística) podem definir!

O dialogismo exacerbado e a polifonia flagrante são mais de que recursos retóricos instrumentais que permitem a multiplicação de variações de significância no Alcorão. São a expressão exarada do próprio modelo comunitário islâmico em seu desdobramento complexo e fractal, onde o menor e o maior, a parte e o todo se contem mutua e infinitamente. Sendo toda manifestação comunitária originária deste modelo, na verdade, a atualização da mesma essência islâmica encerrada no plano original.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Talvez um forte indício, neste sentido, seja o fato de o Levante Malê ter ocorrido durante o mês de Ramada, a época da Revelação, justamente! Ou seja, na lógica mítica-mitológica do espírito comunitário islâmico, não era um evento histórico acontecendo treze século depois a revelação maometana, mas sim a atualização da essência da Revelação Divina eterna e infinita. O que deixa claro, por outro lado, que o texto corânico não é considerado como “representação” de uma realidade, mas sim a Realidade em si que precede todas as atualizações humanas e mundanas do desenho divino.

Portanto, a idéia de comunidade contida na experiência discursiva corânica como em seus desdobramentos mundanos é, de certo modo, virtual: a) na medida que ela é “modelada” discursivamente, a partir de um programa narrativo específico e é até “acessada” através desta mesma “interface” discursiva; b) ela é virtual no sentido da potencialidade infinita que se atualiza a cada vez que uma conjunção narrativa determinada se preste a tal evento. Nas duas situações, a dita comunidade é “configurada” ou “conformada” discursivamente e é o reflexo sensível e inteligível de uma essência narrativa que, por sua vez não é a “representação” de alguma realidade, mas sim a essência de que seria a chamada “realidade” pelos paradigmas racionais, modernos e ocidentais.

Assim sendo, podemos concluir que uma comunidade desta natureza (ao mesmo tempo social, política e espiritual) não precisa de um espaço real e concreto para se dar. A sua existência, a sua “*poiesis*” e a sua “*práxis*” são/estão, primeira e ultimamente, no Livro (ecologia cognitiva ideal para este tipo de realização) e, do mesmo jeito, superam todo condicionamento físico-espacial no seu devir ético e ontológico.

**ANEXO:**

**Tradução do Livro encontrado no pescoço de um escravo africano rebelado e morto durante o Levante malê ocorrido na Bahia em 1835**

Página 102: Trata-se do começo da 36ª “surate” do Alcorão:

- Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso [fórmula sagrada que inicia cada surate]. 1. Yá, Sin. [expressão não idiomática, considerada como um mistério semântico e lingüístico na exegese islâmica]
2. Pelo Alcorão da Sabedoria.
  3. Que tu és dos mensageiros,
  4. Numa senda reta.
  5. É uma revelação do Poderoso, Misericordiosíssimo.
  6. Para que admoestes um povo

[o sexto versículo se encontra inacabado. Deve, provavelmente faltar páginas]

Da página 101 a 75: [Fim do versículo 10 e continuação]  
que os admoestes ou não; jamais crerão.

11. Admoestarás somente quem seguir a Mensagem e temer intimamente o Clemente; anuncia a este, pois, uma indulgência e uma generosa recompensa.
12. Nós ressuscitaremos os mortos, e registraremos as suas ações e os seus rastros, porque anotaremos tudo num Livro lúcido.
13. E lembra-lhes a parábola dos moradores da cidade, quando se lhes apresentaram os mensageiros.
14. Enviamos-lhes dois (mensageiros), e os desmentiram; e, então, foram reforçados com o envio de um terceiro; (os mensageiros) disseram-lhes: Ficai sabendo que fomos enviados a vós.
15. Disseram: Não sois senão seres como nós, sendo que o Clemente nada revela que seja dessa espécie; não fazeis mais do que mentir.
16. Disseram-lhes: Nosso Senhor bem sabe que somos enviados a vós.
17. E nada nos compete, senão a proclamação da lúcida Mensagem.
18. Disseram: Auguramos a vossa desgraça e, se não desistirdes, apedrejar-vos-emos e vos infligiremos um doloroso castigo.
19. Responderam-lhes: Que vosso augúrio vos acompanhe! Maltratar-nos-eis, acaso, porque fostes admoestados? Sois, certamente, um povo transgressor!
20. E um homem, que acudiu da parte mais afastada da cidade, disse: Ó povo meu, segui os mensageiros!
21. Segui aqueles que não vos exigem recompensa alguma e são encaminhados!
22. E por que não teria eu de adorar Quem me criou e a Quem vós retornareis?
23. Deverei, acaso, adorar outros deuses em vez d'Ele? Se o Clemente quisesse prejudicar-me, de nada valeriam as suas intercessões, nem poderiam salvar-me.
24. (Se eu os adorasse), estaria em evidente erro.
25. Em verdade, creio em vosso Senhor, escutai-me pois!
26. Ser-lhe-á dito: Entra no Paraíso! Dirá então: Oxalá meu povo soubesse,
27. Que meu Senhor me perdoou e me contou entre os honrados!
28. E depois dele não enviamos a seu povo hoste celeste alguma, nem nunca enviaremos.
29. Foi só um estrondo, e ei-los inertes!, feito cinzas, prostrados e silentes.
30. Ai dos (Meus) servos! Não lhes foi apresentado mensageiro algum sem que o escarnecessem!
31. Não reparam, acaso, em quantas gerações, antes deles, aniquilamos? Não retornarão a eles.
32. Todos, unanimemente, comparecerão ante Nós.
33. Um sinal, para eles, é a terra árida; reavivamo-la e produzimos nela o grão com que se alimentam.
34. Nela produzimos, pomares de tamareiras e videiras, em que brotam mananciais,
35. Para que se alimentem dos seus frutos, coisa que suas mãos não poderiam fazer. Não agradecerão?
36. Glorificado seja Quem criou pares de todas as espécies, tanto naquilo que a terra produz como no que eles mesmos geram, e ainda mais o que ignoram.
37. E também é sinal, para eles, a noite, da qual retiramos o dia, e ei-los mergulhados nas trevas!
38. E o sol, que segue o seu curso até um local determinado. Tal é o decreto do Onisciente, Poderosíssimo.
39. E a lua, cujo curso assinalamos em fases, até que se apresente como um ramo seco de tamareira.

40. Não é dado ao sol alcançar a lua; cada qual gira em sua órbita; nem a noite, ultrapassar o dia.
41. Também é um sinal, para eles, o fato de termos levado os seus concidadãos na arca carregada.
42. E lhes criamos similares a ela, para navegarem.
43. E, se quiséssemos, tê-los-famos afogada, e não teriam quem ouvisse os seus gritos, nem seriam salvos,
44. A não ser com a nossa misericórdia, como provisão, por algum tempo.
45. E quando lhes é dito: Temei o que está antes de vós e o que virá depois de vós, talvez recebereis misericórdia, (desdenham-no)
46. Não lhes foram apresentados quaisquer dos versículos do seu Senhor, sem que os desdenhassem!
47. E quando lhes é dito: Fazei caridade daquilo com que Deus vos agraciou!, os incrédulos dizem aos fiéis: Havemos nós de alimentar alguém a quem, se Deus quisesse, poderia fazê-lo? Certamente estais em evidente erro.
48. E dizem (mais): Quando se cumprirá essa promessa? Dizei-no-lo, se estiverdes certos.
49. Não esperam nada, a não ser um estrondo que os fulmine enquanto estão disputando.
50. E não terão oportunidade de deixar testamento, nem de voltar aos seus.
51. E a trombeta será soada, e ei-los que sairão dos seus sepulcros e se apressarão para o seu Senhor.
52. Dirão: Ai de nós! Quem nos despertou do nosso repouso? (Ser-lhes-á respondido): Isto foi o que prometeu o Clemente, e os mensageiros disseram a verdade.
53. Bastará um só toque (de trombeta), e eis que todos comparecerão ante Nós!
54. Hoje nenhuma alma será defraudada, nem sereis retribuídos, senão pelo que houverdes feito.
55. Em verdade, hoje os diletos do Paraíso estarão em júbilo.
56. Com seus consortes, estarão à sombra, acomodados sobre almofadas.
57. Aí terão frutos e tudo quanto pedirem.
58. Paz! Eis como serão saudados por um Senhor Misericordiosíssimo.
59. E vós, ó pecadores, afastai-vos, agora, dos fiéis!
60. Porventura não vos prescrevi....

Página 74: Totalmente ilegível

Da página 73 a 70: Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Que a paz e a bênção de Deus estejam com nosso Senhor Maomé e toda a sua estirpe e seus companheiros. [fórmula sagrada que precede as orações]. Seguem dois versículos da segunda *surate* do Alcorão

128. Ó Senhor nosso, permite que nos submetamos a Ti e que surja, da nossa descendência, uma nação submissa à Tua vontade. Ensina-nos os nossos ritos e absolve-nos, pois Tu é o Remissório, o Misericordiosíssimo.

129. Ó Senhor nosso, faze surgir, dentre eles, um Mensageiro, que lhes transmita as Tuas leis e lhes ensine o Livro, e a sabedoria, e os purifique, pois Tu és o Poderoso, o Prudentíssimo.

Páginas 70-69: *ilegível*.

Páginas: 68-65: = 73 a 70

Páginas: 65-64: = 70-69

Páginas 64 a 61: [final do versículo 285 e continuação] Disseram: Escutamos e obedecemos. Só anelamos a Tua indulgência, ó Senhor nosso! A Ti será o retorno!

286. Deus não impõe a nenhuma alma uma carga superior às suas forças. Beneficiar-se-á com o bem quem o tiver feito e sofrerá mal quem o tiver cometido. Ó Senhor nosso, não nos condenes, se nos esquecermos ou nos equivocarmos! Ó Senhor nosso, não nos imponhas carga, como a que impuseste a nossos antepassados! Ó Senhor nosso, não nos sobrecarregues com o que não podemos suportar! Tolera-nos! Perdoa-nos! Tem misericórdia de nós! Tu és nosso Protetor! Concede-nos a vitória sobre os incrédulos!

Páginas 60-59: *Surate "AAL`IMRAN"* (3ª)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

8. (Que dizem:) Ó Senhor nosso, não desvies os nossos corações, depois de nos teres iluminados, e agracia-nos com a Tua

Misericórdia, porque Tu és o Munificente por excelência.

9. Ó Senhor nosso, Tu consagrarás os humanos para um dia indubitável. E Deus não faltará com a promessa.

Páginas 59-58:

16. Que dizem: ó Senhor nosso, cremos! Perdoa os nossos pecados e preserva-nos do tormento infernal.

Página 57: Final do versículo 147. Senhor nosso, perdoa-nos por nossos pecados e por nossos excessos; firma os nossos passos e concede-nos a vitória sobre os incrédulos!

Página 56:

191. [final] Ó Senhor nosso, não criaste isto em vão. Glorificado sejas! Preserva-nos do tormento infernal!

Páginas 55-54:

193. Ó Senhor nosso, ouvimos um pregoeiro que nos convoca à fé dizendo: Crede em vosso Senhor! E cremos. Ó Senhor nosso, perdoa as nossas faltas, redime-nos das nossas más ações e acolhe-nos entre os virtuosos.

194. Ó Senhor nosso, concede-nos o que prometeste, por intermédio dos Teus mensageiros, e não aviltes no Dia da Ressurreição. Tu jamais quebras a promessa.

Página 53:

75. [final] Ó Senhor nosso, tira-nos desta cidade, cujos habitantes são opressores. Designa-nos, de Tua parte, um protetor e um socorredor!

Página 52:

77. [final] Ó Senhor nosso, por que nos prescreves a luta? Por que não nos concedes um pouco mais de trégua? Dize-lhes: O gozo terreno é transitório; em verdade, o da outra vida é preferível para o temente; sabeis que não sereis frustrados, no mínimo que seja.

Páginas 51-50: *Surate "AL MÁIDA" (5ª)*

114. Jesus, filho de Maria, disse: Ó Deus, Senhor nosso, envia-nos do céu uma mesa servida! Que seja um banquete para o primeiro e último de nós, constituindo-se num sinal Teu; agracia-nos, porque Tu és o melhor dos agraciadores.

Página 49: *Surate "AL AN'AM" (6ª)*

128. [final] Ó Senhor nosso, utilizamo-nos mutuamente; porém, agora, alcançamos o término que nos fixaste, Então, ser-lhes-á dito: O fogo será a vossa morada, onde permaneceréis eternamente, salvo para quem Deus quiser livrar disso. Teu Senhor é Prudente, Sapientíssimo.

Página 48: *Surate "AL'ARAF" (7ª)*

23. [final] Ó Senhor nosso, nós mesmos nos condenamos e, se não nos perdoares a Te apiedares de nós, seremos desventurados!

47. [final] Ó Senhor nosso, não nos juntes com os iníquos.

Página 48:

38. [final] Ó Senhor nosso, eis aqui aqueles que nos desviaram; duplica-lhes o castigo infernal! Ele lhes dirá: o dobro será para todos; porém, vós o ignorais.

Página 47:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

89. [final] Ó Senhor nosso, decide com equidade entre nós e o nosso povo, porque Tu és o mais equânime dos juizes.

Página 46:

126. [final] Ó Senhor nosso, concede-nos paciência e faz com que morramos muçulmanos!

Página 45: *Surate* “YUNIS” (10ª)

88. [final] tens concedido ao Faraó e aos seus chefes esplendores e riquezas na vida terrena e assim, ó Senhor nosso puderam desviar os demais da Tua senda. Ó Senhor nosso, arrasa as suas riquezas e oprime os seus corações, porque não crerão até verem o doloroso castigo.

Página 44:

85. [final] Ó Senhor nosso, não permitas que fiquemos afeitos à fúria dos iníquos;

Página 44: *Surate* “AT TAHRIM” (66ª)

[final] e livra-me do Faraó e das suas ações, e salva-me dos iníquos!

Página 43-42: *Surate* “IBRAHIM” (14ª)

37. Ó Senhor nosso, estabeleci parte da minha descendência em um vale inculto perto da Tua Sagrada Casa para que, ó Senhor nosso, observem a oração; faz com que os corações de alguns humanos os apreciem, e agracia-os com os frutos, a fim de que Te agradeçam.

Página 41-39:

38. Ó Senhor nosso, Tu sabes tudo quanto ocultamos e tudo quanto manifestamos, porque nada se oculta a Deus, tanto na terra como no céu.

39. Louvado seja Deus que, na minha velhice, me agraciou com Ismael e Isaac! Como o meu Senhor é Exorável!

40. Ó Senhor meu, faze-me observante da oração, assim como à minha prole! Ó Senhor nosso, escuta a minha súplica!

41. Ó Senhor nosso, perdoa-me a mim, aos meus pais e aos fiéis, no Dia da prestação de contas!

Página 39-38:

44. [final] e os iníquos dirão: ó Senhor nosso, poupa-nos por mais um pouco. Obedeceremos ao Teu apelo e seguiremos os mensageiros! (Ser-lhes-á respondido): Mas não jurastes antes que não seríeis aniquilados?

Página 38-37: *Surate* “AN NÁHL” (16ª)

86. [final] dirão: Ó Senhor nosso, eis os nossos ídolos, aos quais implorávamos, em vez de a Ti! E os ídolos contestarão: Sois uns mentirosos!

Página 37: *Surate* “AL CAHF” (18ª)

10. [final] Ó Senhor nosso, concede-nos Tua misericórdia, e reserva-nos um bom êxito em nossa empresa!

Página 36: *Surate* “TAHA” (20ª)

45. [final] Ó Senhor nosso, tememos que ele nos imponha um castigo ou que transgrida (a lei)!

Página 36: *Surate* “AL ANBIYÁ” (21ª)

89. [final] Ó Senhor meu, não me deixes sem prole, não obstante seres Tu o melhor dos herdeiros!

Página 35-34: *Surate* “AL CASSAS” (28ª)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

47. [final] Ó Senhor nosso, por que não nos enviastes um mensageiro, para que seguíssemos os Teus versículos [...]

106. [...] Exclamarão: Ó Senhor nosso, nossos desejos nos dominam, e fomos um povo extraviado!

107. Ó Senhor nosso, tira-nos daqui! E se reincidirmos, então seremos iníquos!

109. [...] Ó Senhor nosso, cremos! Perdoa-nos, pois, e tem piedade de nós, porque Tu és o melhor dos misericordiosos!

Página 33: *Surate* “AL FURCAN” (25ª)

21. [final] eles se ensoberbeceram e excederam em muito!

Página 33-32:

65. [final] Ó Senhor nosso, afasta de nós o suplício do inferno, porque o seu tormento é angustiante.

66. Que péssima estância e o lugar de repouso!

74. [final] Ó Senhor nosso, faze com que as nossas esposas e a nossa prole sejam o nosso consolo, e designa-nos *imames* dos devotos,

47. [final] Ó Senhor nosso, por que não nos enviastes um mensageiro, para que seguíssemos os Teus versículos e nos contássemos entre os fiéis?

63. [final] Ó Senhor nosso, são estes os que extraviámos; extraviamo-los, como fomos extraviados; isentamo-nos deles na Tua presença, posto que não nos adoravam.

Página 30: *Surate* “AS SAJDA” (32ª)

12. [final] Ó Senhor nosso, agora temos olhos para ver e ouvidos para ouvir! Faze-nos retornar ao mundo, que praticaremos o bem, porque agora estamos persuadidos!

Página 29: *Surate* “AL AHZAB” (33ª)

67. [final] Ó Senhor nosso, em verdade, obedecíamos aos nossos chefes, os quais nos desviaram da (verdadeira) senda.

68. Ó Senhor nosso, redobra-lhes o castigo e amaldiçoa-os reiteradamente!

Página 28: *Surate* “SABÁ” (34ª)

19. [final] Ó Senhor nosso, prolonga a distância entre os nossos estágios de viagem! E se condenaram. Então os convertemos em lenta (a ser marrada) para os povos e os dispersamos por todas as partes. Nisto há sinais para todo o perseverante, agradecido.

Página 27: *Surate* “AN NÁHL” (16ª)

86. [final] Ó Senhor nosso, eis os nossos ídolos, aos quais implorávamos, em vez de a Ti!

[Sem pontuação/separação] *Surate* “FÁTER” (35ª):

34. [final] Louvado seja Deus, que nos tem livrado da aflição! O Nosso Senhor é Compensador, Indulgentíssimo.

Página 26:

37. [final] Ó Senhor nosso, tira-nos daqui, que agiremos de uma forma diferente da que agíamos! Acaso, não vos prolongamos as vidas, para que, quem quisesse refletir, pudesse fazê-lo, e não vos chegou o admoestador?

Página 25: *Surate* “SAD” (38ª)

16. [final] Ó Senhor nosso, apressa-nos a nossa sentença, antes do Dia da Rendição de Contas!



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

[Sem pontuação/separação] 61. [final] Ó Senhor nosso, àqueles que nos induziram a isto, duplica-lhes o castigo no fogo infernal!

Página 24: *Surate* “GHÁFER” (40ª)

7. [...] Ó Senhor nosso, Tu, Que envolves tudo com a tua misericórdia e a Tua ciência, [...]

8. Ó Senhor nosso, introduze-os nos Jardins do Éden que lhes prometeste, assim como os virtuosos dentre os seus pais, as suas esposas e a sua prole, porque és o Poderoso, o Prudentíssimo!

Página 23:

11. [final] Ó Senhor nosso, fizeste-nos morrer duas vezes e duas vezes nos deste a vida. Reconhecemos, pois, os nossos pecados! Haverá algum meio de nos livramos disso?

Página 22: *Surate* “FÚSSILAT” (41ª)

29. [final] Ó Senhor nosso, mostra-nos os gênios e humanos que vos extraviaram; colocá-los-emos sob os nossos pés, para que se contem entre os mais vis!

Página 21:

30. Em verdade, quanto àqueles que dizem: Nosso Senhor é Deus, e se firmam, os anjos descerão sobre eles, os quais lhes dirão: Não temais, nem vos atribuleis; outrossim, regozijai-vos com o Paraíso que vos está prometido!

Página 20: *Surate* “CAF” (50ª)

27. [final] Ó Senhor nosso, eu não o fiz transgredir; porém, ele é que estava em um erro profundo.

Página 19: *Surate* “AL HAXR” (59ª)

10. [final] Ó Senhor nosso, perdoa-nos, assim como também aos nossos irmãos, que nos precederam na fé, e não infundas em nossos corações rancor algum pelos fiéis. Ó Senhor nosso, certamente Tu és Compassivo, Misericordiosíssimo.

Página 18: *Surate* “AL MUMTAHANA” (60ª)

4. [final] Ó Senhor nosso, a Ti nos encomendamos e a Ti nos voltamos contritos, porque para Ti será o retorno;

Página 18-17: *Surate* “GHÁFER” (40ª)

7. [final] Ó Senhor nosso, Tu, Que envolves tudo com a tua misericórdia e a Tua ciência, perdoa os arrependidos que seguem Tua senda, e preserva-os do suplício da fogueira!

Página 17: *Surate* “AL MUMTAHANA” (60ª)

5. Ó Senhor nosso, não faças de nós um escarmento para os incrédulos e perdoa-nos, ó Senhor nosso, porque és o Poderoso, o Prudentíssimo.

Página 17: *Surate* “AT TAHRIM” (66ª)

8. [final] Ó Senhor nosso, completa-nos a nossa luz e perdoa-nos, porque Tu és Onipotente!

Página 17-16: Salomão e Davi são citados dezenas de vezes no Alcorão, mas esta oração em particular não localizada no Alcorão.

Com a permissão de Deus, exaltada seja Sua Majestade e por Deus o sucesso, foi escrito por Salomão filho de Davi graças a Deus Senhor do universo.

Página 15: *Surate* “AAL 'IMRAN” (3ª)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

16. [final] Deus (Formulação diferente do texto corânico) Perdoa os nossos pecados e preserva-nos do tormento infernal.

Página 14: *Deus Perdoa-nos nossos pecados e a todos os muçulmanos e as muçulmanas e os crentes as crentes...* (ilegível).

Página 13: *Maomé é mensageiro de Deus. Paz e Benção de Deus sobre ele.*

Página 12-6: Incompreensível. Fora a fórmula “em nome de Deus Todo Poderoso” que semeia esta parte do texto, não é possível nem de determinar se é em árabe.

## NOTAS

i [Do ár. murAbi+, lit.: 'aquele que vive em um ribat (fortaleza ou monastério)', i.e., 'eremita', 'monge'; 'guia religioso'.]

S. m.

1. Rel. Asceta religioso ou guia espiritual muçulmano.
2. Restr. Membro de qualquer uma das comunidades religiosas e militares do Norte da África, de grande ascendência espiritual e política entre os berberes, esp. na época da expansão islâmica em direção à África ocidental (séculos XI-XIII).

[Sin. ger., nas acepç. 1 e 2: marabu, morabita e morabito.]

3. P. ext. Local sagrado, associado à presença de um marabu (1), como o templo onde este realiza o serviço religioso, ou a sepultura em que está enterrado. (Dicionário Aurélio –Século XXI)

ii [Do ior. imalê, 'muçulmano'.] (Dicionário Aurélio –Século XXI)

iii “O *ethos* pode ser considerado como parte de um processo mais amplo de ‘modelagem’ em que o lugar e o tempo de uma interação e seu conjunto de participantes, bem como o *ethos* dos participantes, são constituídos pela projeção de ligações em determinadas direções intertextuais de preferência a outras. Maingueneau (...) dá o exemplo do discurso (discursos políticos, por exemplo) da Revolução Francesa, que foi modelada sobre o discurso republicano de Roma antiga em termos de lugar, tempo e ‘cena’ (no sentido de circunstâncias gerais do discurso), assim como dos participantes e do *ethos* dos participantes” (Fairclough, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. pp. 207-208)

iv “...desde muitos séculos, o alfabeto árabe tem sido o traço cultural comum entre as grandes áreas mundiais do Islão. Na África negra, as línguas “islamizadas” se transcreviam, e ainda continuam a ser escritas, em



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

caracteres árabes. É o caso, em particular, do fula, do haussá, do swahili, ainda que a romanização ganhe rapidamente terreno. A pronúncia do árabe sofre, naturalmente, uma profunda alteração sob influência negro-africana. Os empréstimos vocabulares constituem, com a escrita, a manifestação mais notável da arabização de línguas que, como o haussá ou o swahili, têm perto de metade de seu léxico constituída por empréstimos tomados à língua árabe (têrmos referentes à vida religiosa, à divisão do tempo, escritos e talismãs, idéias morais, ensino, leitura e escrita, vestuário e alimentação, vida administrativa, econômica e militar). No domínio da morfologia, a influência do árabe é menos evidente e mais sutil. Ela se exerce, às vezes através do berbere. Tais contatos poderiam talvez explicar certas anomalias de sintaxe. Em certos casos, frases árabes inteiras foram adotadas, por decalque ou tradução mecânica. Essa influência do árabe sobre as línguas negro-africanas acarreta pelo menos quatro conseqüências principais: fixação pela escrita, enriquecimento léxico, precisão do vocabulário, difusão de grandes áreas de civilização pan-africana. É, porém, essencial assinalar que essa arabização cultural não se acompanha de nenhum "arabismo" político. Ainda a respeito dessa questão, poderemos lembrar que Léopold Sedar Senghor destacou, e com razão, três tipos de convergências (étnicas, artísticas e conceituais) entre árabo-berberes e negro-africanos" (Monteil, Vincent. *O Islão na África Negra*. BA: Afro-Ásia n. 4-5, 1967. pp. 17-18).

v *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Seuil 1969.

vi Nação ou comunidade religiosa que reúne todos os muçulmanos do mundo, num plano tanto real como espiritual.

vii Geertz, Clifford. *Islam Observed: Religious Development in Morocco and Indonesia*. Chicago: *The University of Chicago Press*, 1971

viii Kasimirski, Garnier. *Le Coran*. Paris: Flammarion, 1970.

ix Com certeza isto não é exclusivo ao discurso corânico: "Vê-se que as coisas, tal como as conhecemos e percebemos, não possuem uma significação em si mesmas, imanente e essencial no sentido aristotélico, de caráter conceitual, a que se deu o nome de significado. De um ponto de vista estritamente materialista, não existe essa entidade abstrata chamada significado, mas sim remissivas de significante a significante, produzindo efeitos de sentido. Toda vez que se procuram significados, esbarra-se com outros significantes, num processo de tradução que foi chamado de semiose infinita e mais modernamente de intertextualidade" (Pinto, J. Milton. *As Marcas lingüísticas de enunciação*. RJ: Numen, 1994. p. 16).

x Pinto, J. Milton. *As Marcas lingüísticas de enunciação*. RJ: Numen, 1994.

xi "Le mythe est un récit traditionnel qui rapporte des événements arrivés à l'origine des temps et qui est destiné à fonder l'action rituelle des hommes d'aujourd'hui et, de manière générale, à instituer toutes les formes d'action et de pensée par lesquelles l'homme se situe dans son monde. Fixant les actions rituelles significatives, il fait connaître, quand disparaît sa dimension étimologique, sa portée exploratoire et apparaît dans sa fonction symbolique, c'est-à-dire dans le pouvoir qu'il a de dévoiler le lien de l'homme à son sacré". Paul Ricoeur.

xii "Aparentemente, o Corão e a Bíblia são próximos. O islamismo não se desenvolveu na região em que estavam presentes as tradições judaica e cristã? Acontecimentos como a criação e muitos personagens bíblicos são utilizados ou citados pelo Corão. Entretanto, a apresentação dos personagens e a interpretação dos fatos são radicalmente diferentes. Os relatos, tal como são apresentados no Corão, são influenciados pelos textos apócrifos que circulavam durante os primeiros séculos cristãos, ricos em histórias e narrativas maravilhosas. Os cristãos os baniram do Novo Testamento" (Siat, Jeannine. *Religiões monoteístas*. RJ: Zahar, 2000. p. 84).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

---

<sup>xiii</sup> “A heterogeneidade enunciativa manifesta-se num texto em dois planos distintos: como polifonia ou heterogeneidade mostrada caracterizada pela manifestação explícita de vozes, citadas pelo autor empírico do texto, tendo em vista a realização de seus interesses comunicacionais, e como plural do texto ou heterogeneidade constitutiva, constituída pelo entrelaçamento de uma pluralidade de citações emigradas de outros textos pré-existentes, segundo restrições histórico-culturais sobre as quais o autor empírico do texto não tem controle racional” (Pinto, J. Milton. *As Marcas lingüísticas de enunciação*. RJ: Numen, 1994. p. 18).

<sup>xiv</sup> “O Alcorão não é um livro no senso comum; é a coleção das palavras de Deus, reveladas de tempos em tempos, durante vinte e três anos, a seu mensageiro, escolhido entre os seres humanos. O Soberano dá Suas instruções a Seu vassalo; portanto, há certas nuances compreendidas e implícitas; há repetições, e mesmo mudanças nas formas de expressão. Deste modo, Deus fala às vezes na primeira pessoa e às vezes na terceira. Ele diz “EU”, bem como “Nós” e “Ele”, porém, jamais “Eles”. É uma coleção de revelações enviadas de ocasiões em ocasiões (...) Ele possui diretrizes para todos, em todos os lugares e para todos os tempos” (El Hayek, Samir. *O Significado dos versículos do Alcorão Sagrado*. SP: Marsam Editora, 1994. p. XV)